



CMUHE014048

MULLER, Angélica. Campinas adota Alfabetização Solidária. Correio Popular, Campinas, 02 fev., 2000.

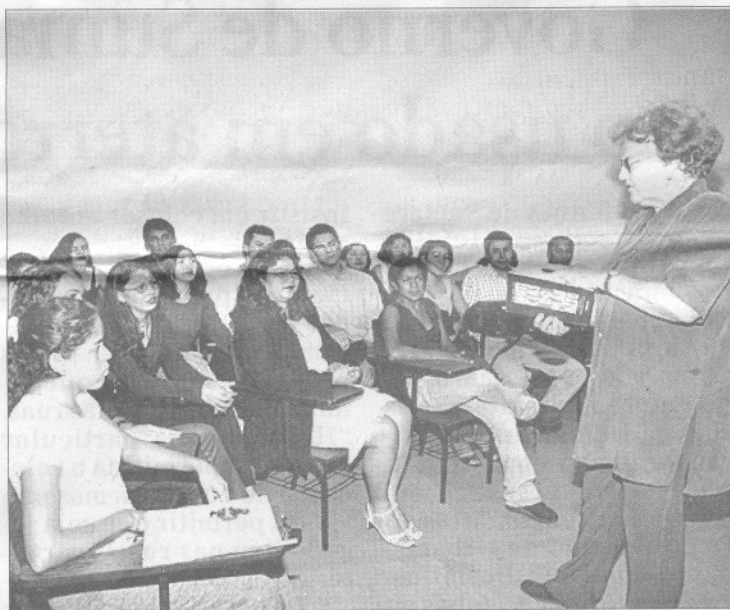
Campinas adota Alfabetização Solidária

ANGÉLICA MULLER

Campinas deverá ser incluída no Programa de Alfabetização Solidária, do Governo Federal, a partir do segundo semestre deste ano. A informação é da professora Sílvia Terzi, da Unicamp, que há três anos coordena o programa que capacita professores de duas cidades do Estado de Alagoas como multiplicadores da alfabetização diferenciada, que tem como base a realidade social do aluno.

Ontem o programa formou mais 26 professores das cidades de Inhapi e Olho D'Água, localizadas no sertão alagoano. Trata-se da sétima turma de professores capacitados pela Unicamp que vai atuar na alfabetização de pessoas de 12 a 19 anos que não têm o menor domínio da língua escrita.

Nas duas cidades que receberam a atuação de professores capacitados pela Unicamp, o Programa de Alfabetização Solidária causou mudanças consideráveis na rotina dos moradores. Inhapi e Olho D'Água têm índices de analfabetismo superiores a 50%: "Nessas cidades não existia uma



Sílvia Terzi (à esquerda) com professores do programa: cidadania

banca de jornal, nem biblioteca. O programa é que levou o universo da língua escrita para aquele local. Agora eles têm bibliotecas e jornal mural na praça", explica a coordenadora do Programa.

Em todo o país, segundo Sílvia, o Programa já alfabetizou 800 mil alunos em 1.003 municípios diferentes. "A intenção é trabalhar com professores da comunidade que tenham perfis

transformadores e trabalhar com alunos de até 19 anos, para que eles continuem os estudos", disse.

O programa deverá chegar a Campinas em julho, quando as capitais do Rio de Janeiro e São Paulo e a região num raio de 100 quilômetros dos grandes centros estarão sendo beneficiadas com o modelo de alfabetização que tem encontrado baixos índices de evasão escolar no interior (cer-

ca de 20% em média).

Sílvia acredita que em Campinas o programa deva sofrer alguma adaptação, mas ainda não sabe em que nível. "A princípio a diferença básica entre as comunidades daqui e de Alagoas é o fato de que os campineiros têm contato com a língua escrita o tempo todo. Isso deve ser um facilitador do nosso trabalho", afirmou.

A área de atuação do Alfabetização Solidária em Campinas também vai depender dos levantamentos feitos pela Secretaria de Educação do Município e dos equipamentos públicos que poderão ser utilizados pelo Programa. A intenção de Sílvia é aproveitar estudantes da Unicamp como multiplicadores do programa em Campinas, para que eles também possam enriquecer sua vivência social.

Sílvia pretende montar pelo menos dez turmas, com 25 alunos cada, em diferentes pontos de Campinas. Mas tudo vai depender da demanda da alfabetização na cidade, que está sendo levantada pela Prefeitura.